



## Editorial Um país social-democrata

A visita do dr. Mário Soares ao Brasil não se desenrola nas melhores condições. Efectivamente, o Primeiro-Ministro Português vai encontrar um Brasil num momento difícil de crise económica e, também, política. O regime saído do golpe militar de 1964, que fez cair o governo pró-marxista de João Goulart, enfrenta as contradições próprias da sua natureza autoritária. Depois de Medici, que levou a cabo a repressão, o presidente Geisel tenta um certo liberalismo o que dá origem a flutuações muito nítidas no quadro político brasileiro, bem visíveis em certos êxitos do partido da Oposição - (OMDG), nas últimas eleições municipais. Não devemos esquecer que num clima assim sensível, a visita do Primeiro Ministro português não é dissociada da sua condição de socialista e, também, da sua condição de vice-presidente da Internacional Socialista precisamente encarregado das relações com os países da América Latina. O dr. Mário Soares tem, a partir do momento em que apertou a mão ao presidente Geisel, um grande papel diplomático a desempenhar: é o de convencer o Governo brasileiro de que Portugal segue uma política de absoluta neutralidade e não pretende ser o veículo de ideologias socialistas até ao seio da sociedade brasileira. Neste ponto, a viagem tem um grande interesse, pois o contacto pessoal entre os dois Governos poderá pôr termo a uma visível desconfiança do Brasil face ao actual regime português. É claro que o dr. Mário Soares vai ter dificuldades em se exprimir, tanto mais que se acentuam as suas próprias contradições. Efectivamente, o Primeiro Ministro português ao mesmo tempo que adopta medidas social-democratas, afirma ser o portador de um projecto que parece estar a meio caminho entre a social-democracia e o marxismo. É por isso muito interessante a perspectiva que esta visita nos deixa, pois vai permitir-nos ver qual a capacidade de convencimento do político português junto de um Governo que tomou o poder precisamente para pôr termo a experiências marxistas que lançaram o Brasil no descrédito e o povo brasileiro na maior confusão política da sua história.

No ponto de vista prático, a visita não poderá dar resultados substanciais. Isto quer dizer que a visita tem essencialmente um salutar efeito psicológico, pois re-

As eleições de domingo passado provaram que tem estado correcta a interpretação de «Tempo» sobre o quadro político português.

Efectivamente uma análise conscienciosa dos resultados leva-nos mais uma vez a concluir que os portugueses, ao mesmo tempo que consagram de novo o regime democrático instaurado no país após o 25 de Abril de 1974, escolheram como sistema político a social-democracia. É a leitura correctos dos resultados que nos leva a esta conclusão.

Na realidade a prática do Partido Socialista do dr. Mário Soares - não há que iludi-lo - é a social-democracia. O último congresso, do partido e as suas sequelas provaram que em volta do actual Primeiro-Ministro se agrupam os elementos da ala moderada e que estes mantiveram consigo as bases. O afastamento do eng.º Lopes Cardoso e de outros dirigentes esquerdistas do partido não afectou os resultados das eleições pois o Partido Socialista chegou ao fim das eleições para as autarquias praticamente com a mesma percentagem de votos que obtiveram em eleições anteriores. Daí a prova de que quem domina o PS é a sua ala moderada, aquela que, a exemplo do que sucede noutros partidos semelhantes na Europa, propõe como filosofia política a prática da social-democracia (embora um pouco mais avançada do que a social-democracia tradicional). O grande êxito alcançado pelo PSD do dr. Sá Carneiro (apenas menos 7 presidentes de câmaras do que o PS num total de 280 municípios) vem reforçar as análises segundo as quais o País tem hoje, um eleitorado de nítido perfil social-democrata. Espera-se que estes resultados reforcem a colaboração entre socialistas e social-democratas, na convicção de que o País atingirá, então, um ritmo capaz de promover a paz interna, o desenvolvimento e uma verdadeira justiça social. Os dois maiores partidos portugueses tornam-se, assim, os grandes responsáveis do nosso futuro e é em volta deles, que devem concentrar-se todas as forças verdadeiramente democráticas empenhadas na defesa da democracia e da construção em Portugal de um estado de direito.

O Partido Comunista com a sua votação global, pode enganar facilmente muitos observadores mal avisados. A imprensa internacional, que consulta-nos nos últimos dias, reflecte precisamente este sentimento, especialmente porque, numa demonstração de falta de probidade, as informações e comentários foram entregues a jornalistas das suas Redacções, visivelmente distantes de uma apreciação correcta e objectiva. Só o «Le Monde», dos inúmeros jornais que lemos, se aproximou de uma apreciação justa no seu editorial da passada terça-feira. Além de que os votos do Partido Comunista resultam da absorção, inevitável e esperada, dos votos de Otelio Saraiva de Carvalho, é muito importante considerar a implantação do partido: o PC apenas conseguiu Câmaras Municipais em cinco distritos onde a sua «ditadura» impera - Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal - e, ainda, uma em Lisboa. Quem podia esperar nos distritos de aplicação da chamada Reforma Agrária outras vitórias que não fossem as do PC? Trata-se do que, sem intuito ofensivo, se chamam em Portugal as «zonas vermelhas», aliás já existentes durante o regime de ditadura.

Quanto ao CDS, embora deva considerar-se um partido minoritário, tem a seu favor dois factores: por um lado poderá contar a seu favor um número extremamente elevado de abstenções (37% o que equivale a mais de dois milhões de pessoas); por outro revelou uma certa harmonia na implantação: 3 Câmaras em Aveiro, 4 em Braga, 5 em Bragança, 1 em Castelo Branco, 7 na Guarda, 1 na Horta, 1 em Leiria, 2 no Porto, 1 em Santarém, 2 em Viana do Castelo, 1 em Vila Real e 8 em Viseu.

Em termos de implantação, é indiscutível que o CDS é mais representativo do que o PC.

A acusação de que o CDS obteve Câmaras reacçãoárias, não cabe num jornal liberal como o «Tempo», pois as definições de reacçãoário e progressivo

(Continua na pág. 4)

### 5.ª feira

Os políticos, os técnicos, os analistas estão, desde domingo, neste novo circo eleitoral que a II República deu pela terceira vez ao povo (cada dia mais cansado, cada dia mais pobre, cada dia mais desiludido, cada dia menos eleitoralista) debruçados sobre os resultados - quem ganha, quem perde, quem recua, quem avança. Num país de cócoras, quem se debruça fica mais a jeito.

Cabeceando de tédio, de desilusão, de falsas promessas, de demagogia, de títulos, de bombas, dois terços mal medidos votaram, um terço bem pesado mandou as urnas às malvas.

E os políticos peroram, os técnicos esquadriram, os analistas debruçam-se - e o povo passa e repassa, olha as montanhas, conta pelos dedos, come desejos, bebe esperanças.

Natal da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade.

P.D.



(Continuação da pág. 4)

### A VISITA DE MÁRIO SOARES AO BRASIL

## Falso alarme desvia avião ministerial

Do nosso enviado especial NUNO ROCHA

BRASÍLIA (TEMPO) - Por telefone - Pouco depois da partida do aeroporto de Lisboa, quando voava normalmente sobre o Atlântico, foi recebida a bordo do «Boeing 707» «Fernão de Magalhães» da TAP, sob o

comando do capitão Fiuza, uma mensagem através da torre de controlo de Las Palmas, dando instruções para o avião regressar a Lisboa ou descer em Las Palmas. A mensagem fora retransmitida de Lisboa e

fora baseada num telefonema recebido, após a partida do voo TP-3875, com destino a Rio de Janeiro e Buenos Aires, com a informação anónima de que se encontrava a bordo

(Continua na pág. 6)

### MINISTRO SOUSA GOMES AO «TEMPO»:

## «Não praticamos estratégia isolacionista»

O eng. António Sousa Gomes é o actual Ministro do Plano e da Coordenação Económica. No sexto Governo Provisório desempenhou as funções de Secretário de Estado dos Investimentos Públicos no Ministério de Salgado Zenha.

Publicamos hoje uma extensa entrevista em que o Ministro Sousa Gomes nos fala do plano e Orçamento, da estratégia do Partido Socialista, das possibilidades de recuperação económica e, acidentalmente, de outros factos menos importantes mas nem por isso menos significativos.

(Continua na pág. 5)

## Jornalistas e o espírito de Helsínquia

PARIS (TEMPO) - Jornalistas de 23 países estiveram reunidos dois dias no Chateaux du Bois Rocher sob a iniciativa de Jean Schwoebel de «Le Monde» e com o patrocínio da Unesco, para constituírem um clube destinado a defender o espírito da Helsínquia - a «detente» entre o Ocidente e o Leste e a construção de uma paz duradoura na Europa e no Mundo. O Director do «Tempo» foi eleito para o

(Continua na pág. 6)

32 páginas

Neste número:

Mário Soares/Sá Carneiro e Freitas do Amaral falam ao «Tempo»

(centrais)

## Quatro redes bombistas já detectadas

segundo fontes de informação que consideramos fidedignas, mas altamente confidenciais, as autoridades competentes já terão detectado a existência de pelo menos quatro redes bombistas, três delas, identificáveis com outros tantos partidos ou quadrantes políticos: uma da Direita, outra comunista, uma da extrema-esquerda e outra de delinquentes sem conotação política.

Sobrevivente (contra a vontade dos seus patronos iniciais) dos tempos do «gonçalvismo», a rede terrorista ligada à Direita terá, agora, uma actuação esporádica, em especial depois de algumas prisões há poucos meses efectuadas no norte do

país. E apesar dos compromettimentos que o seu completo desmantelamento poderá revelar, de personalidades da cena político-militar (que, afinal, já nem são responsáveis pelas suas actividades, pois lhes perderam o controlo depois de 25 de Novembro do ano passado, quando pretendiam desmobilizá-la), as investigações a isso tendentes prosseguem irreversivelmente.

Quanto à rede comunista, ela será constituída, segundo as mesmas fontes, por alguns dos muitos elementos que o PCP mantém na clandestinidade, precavendo-se para a hipótese de um golpe reacçãoário ilegalizar o partido e pretender exterminá-lo na pessoa dos seus militantes acc-

(Continua na pág. 5)

### NOVE CARGOS EM CAUSA

## A remodelação no Governo

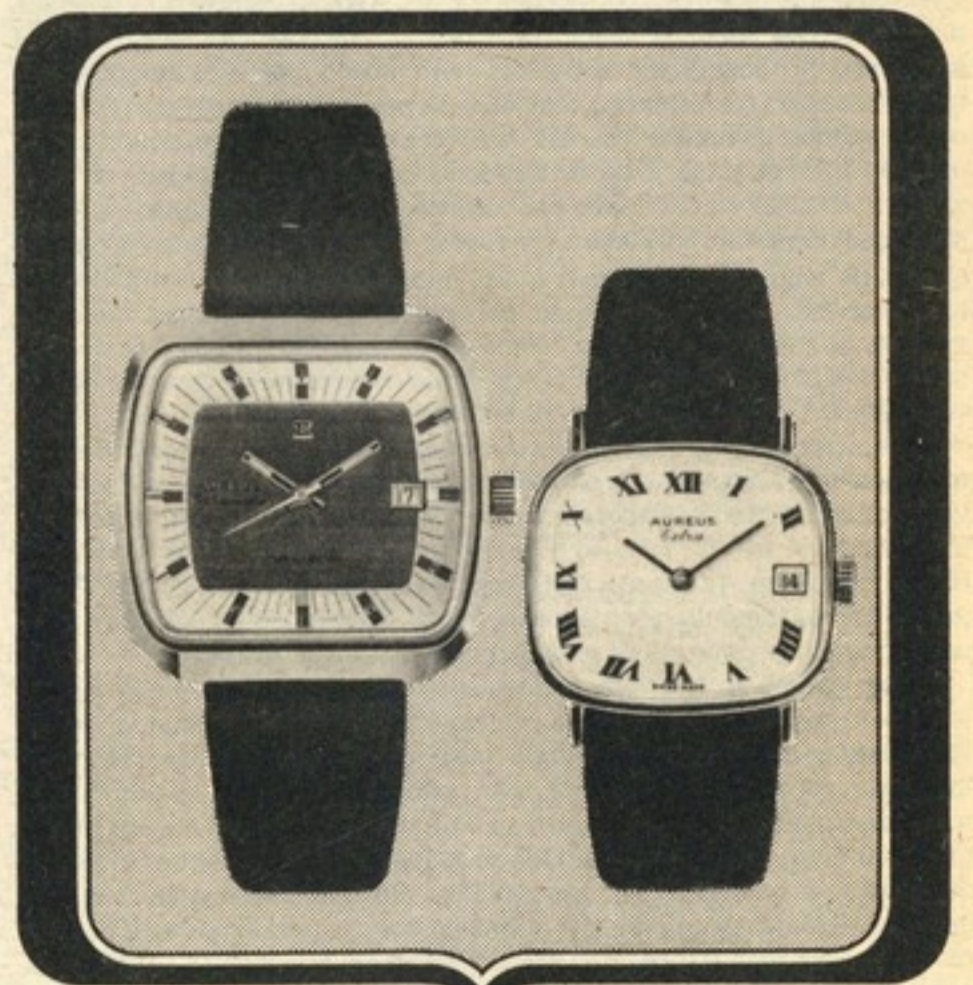
Há pouco mais de um mês, publicámos um artigo, que continha determinadas considerações à volta deste tema e que deixavam antever a hipótese provável de vir a processar-se uma remodelação no Governo Socialista, hipótese que, segundo informações recentes, provenientes de fontes que consideramos fidedignas, terá para breve a sua concretização e será referida a pelo menos sete ou mesmo nove das pessoas que actualmente ocupam cargos governamentais.

No citado artigo afirmávamos a certa altura:

«... Foi a demissão de Lopes Cardoso, que evitou uma efectiva remodelação ministerial, por ter sido prematura, relativamente ao estágio de solidariedade efectiva a nível de Governo a que viria a chegar o processo de solidariedade que a nível partidário já se vinha desenvolvendo entre Lopes Cardoso e os governantes socialistas dos sectores económicos, dos quais o principal é Sousa Gomes. Assim, se a demissão de Lopes Cardoso tivesse ocorrido mais tarde, é provável que as posições de solidariedade que para com ele manifestariam alguns destes membros do Governo proporcionassem a oportunidade de uma remodelação efectiva, que mesmo em largos sectores do PS, afectos a Mário Soares, é considerada desejável.

«Nestes sectores, aliás, critica-se o ministro Sousa Gomes pelo seguimento de ideias que exhibe relativamente à socialista (que se diz marxista) Manuela Silva, por sua vez muito influenciada pelas posições do GIS, pois mais nada justificará o distanciamento das actuais posições de Sousa Gomes daquelas que antigamente assumia no âmbito da SEDES, onde manifestou ideias próprias e, por isso, muito diferenciáveis das que hoje encarna no Governo e no seio do partido.»

(Continua na pág. 6)



# AUREUS

Um relógio suíço sempre moderno que satisfaz todos os gostos. Há modelos com corda manual, automáticos, com calendário, e com dia da semana. Examine a vasta colecção destes relógios nas Agências Oficiais OMEGA e TISSOT







a **MULHER** no Tempo presente  
por DINAH ALHANDRA

# O Partido da pantufa

Muita tinta correu já e muita mais correrá ainda, em comentários sobre as eleições para as autarquias locais. Far-se-ão análises exaustivas dos resultados, manipular-se-ão os números de modo a cada um justificar os seus pontos de vista, tirar-se-ão ilações de carácter político que melhor favoreçam as tendências dos seus autores, imaginar-se-ão inúmeros cenários (é assim que se diz agora, não é?) do que será a vida portuguesa nos tempos mais próximos, etc., etc., etc.

Eu até já ouvi ontem o meu particular «amigo» Balsinha dizer na TV que havia votos de 1.º e votos de 2.º! O que equivale a dizer que existem cidadãos de 1.º e de 2.º...

No meio de tudo isto, que poderei eu dizer-vos? Pragmática, com os pés bem assentes na terra e pouco dada a altas locubrações e filosofias políticas, limitar-me-ei a tagarelar convosco sobre pequenos pormenores, sobre o modo como vi esta eleição e as horas que se lhe seguiram.

Quanto a mim, o grande vencedor, foi, sem sombra de dúvida, o «partido da pantufa», mais formalmente conhecido pelo nome de *Abstenção* o qual, de 2.º maior partido nacional, passou agora para o primeiro lugar.

Se alguma coisa fosse lógica neste País, seria de esperar que, tratando-se dos órgãos de poder local, a população se sentisse directamente interessada e acoresse em massa às urnas. Tal não se verificou e importa saber quais as razões que terão levado tantos portugueses a alhear-se de um acto cívico que tanto poderá influenciar as suas condições de vida.

Claro que teremos de começar pelo já tão estafado «cliché» dos 48 anos de fascismo. Não para falar da «pesada herança», mas apenas para constatar factos.

O paternalismo do anterior regime se, por um lado, tratava os portugueses como mentecaptos, incapazes para intervir na vida pública do País e, como tal, os ofendia e desprezava, por outro, habituou-os a uma atitude passiva e cómoda. Havia sempre um «paizinho» que punha e dispunha e que não toleraria quaisquer rasgos de independência ou de revolta. Desde que os «meninos» se portassem

bem, de acordo com as regras de comportamento estabelecidas pelo «paizinho», não haveria problemas.

Por isso, muitos portugueses se esqueceram de que os direitos implicam necessariamente deveres e que a sua reencontrada dignidade de homens livres tem um preço.

Um preço pago muitas vezes à custa de sacrifícios e de incomodidade. O preço do seu comodismo. Que é difícil, muito difícil mesmo, de pagar.

Se acrescentarmos a desilusão causada pelos abusos de poder, pelas injustiças e arbitrariedades que caracterizaram o PREC, pela tentação totalitária de alguns e pelas crescentes dificuldades materiais que resultaram da destruição deliberada e sistemática da nossa economia, não nos será difícil imaginar — e até compreender — o actual estado de espírito de muitos milhares de portugueses.

De salientar também que a utilização eleitoralista dos meios de comunicação social por parte do partido do Governo, a febril actividade eleitoral desenvolvida por alguns governadores civis (todos eles oportunamente nomeados dentre as pessoas de confiança do PS) nas últimas semanas, as viagens, a demagogia desenfreada, os próprios termos e indefinição da lei das autarquias, foram tanto ou mais desmotivadores, para o cidadão comum, do que a bomba, sabiamente colocada, que levou tantos lisboetas, no fim-de-semana, a procurarem noutras terras a água que faltava na sua, deixando assim de votar.

O desenganamento que o nosso povo vai acusando relativamente aos partidos, foi outro dos factores. Os homens e mulheres de hoje nunca tiveram acesso a uma vivência democrática que lhes permita fazer a distinção entre o que é o comportamento normal dos partidos e um comportamento antidemocrático. Ficam muito impressionados com as divergências existentes entre eles, preocupam-se porque «eles não se entendem», porque não têm a noção de que isso é normal em democracia.

E, não tenhamos ilusões. Sem partidos que representem as diferentes correntes existentes numa sociedade, não há, nem pode haver, democracia. E os partidos na oposição são supostos fazer precisamente isso — opôr-se — tendo, naturalmente, em

conta os superiores interesses da nação ou aquilo que, em seu entender, são os interesses da Nação. É óbvio que terão igualmente que ser responsabilizados pelas atitudes que assumem.

Muita gente ficou mal impressionada com o debate televisivo da passada segunda-feira, entre os «leaders» dos quatro principais partidos.

Quando cada interveniente se limita a monólogos mais ou menos longos, as pessoas aborrecem-se e queixam-se da sua monotonia. Quando, como desta vez, o debate é vivo, por vezes até demasiado vivo, ficam chocadas com a agressividade dos participantes.

Claro que, para nós, isto é novidade e estamos todos a aprender. Mesmo os participantes nesses debates. Num país onde a Democracia já se encontra fundamentalmente enraizada, estas coisas são normais e já ninguém se choca com isso.

Pena foi que a própria vivacidade do debate não permitisse dar o necessário relevo a algumas verdades muito importantes proferidas por Francisco Sá Carneiro.

Mário Soares demonstrou, mais do que uma vez, ser extremamente hábil. De resto, não me surpreenderia muito que a polémica com Sá Carneiro estivesse já nos seus planos pois que, levá-lo a exceder-se, poderia contribuir para fazer esquecer a vitória retumbante do PPD/PSD nestas eleições, coisa que o dr. Mário Soares gostaria muito de que os telespectadores não se apercebessem.

Terá tido também momentos pouco felizes mas, lá que é hábil, parece-me incontestável. Ora vejamos:

Mário Soares disse, em certo momento, que estaria para discussão, em Conselho de Ministros, a questão do governo cobrir, ou não, o déficit orçamental dos Açores (que o Governo se recusara inicialmente a fazer).

Jorge Campinos e Soares Louro, que o acompanharam à RTP, movimentam-se, telefonam e acabam por mandar lá para dentro, para o estúdio, um recado informando que o Conselho de Ministros havia, entretanto decidido cobrir aquele déficit.

Soares não conhecia, portanto, a decisão até o moderador a anunciar. Nem pestaneja e, imediatamente, tira partido da situação, declarando querer

guardar a novidade para outra altura. Termina até com a «boutade» de gostar de dar boas notícias ao presidente do PPD/PSD «ao pequeno-almoço».

Aquele treino do foro, aquele treino! Álvaro Cunhal já não surpreende ninguém. Aparte um ou outro rasgo do seu habitual maquiavelismo, repetiu à sociedade os estafados chavões das «amplas», das conquistas dos trabalhadores, das nacionalizações, da Reforma Agrária e dos partidos reaccionários da direita.

De assinalar apenas a sua referência à necessidade de se acabar com os consumos sumptuosos. Nisso, estamos todos de acordo. Só o que é engraçado é que a caneta que brandia no ar, sublinhando algumas frases, fosse verdadeiramente sumptuosa, em ouro e de uma das marcas mais famosas — e mais caras — do mundo! Como modelo de austeridade, não está mal... abaixo os consumos sumptuosos!

Freitas do Amaral, beneficiando do facto de não estar a ser alvo de um ataque particularmente intenso, soube magistralmente tirar partido da situação, acabando por ser o grande triunfador da noite.

A sua frase «agora percebo porque é que os governos provisórios não se entendiam» teve grande efeito junto do público. Permito-me, no entanto, duvidar que as coisas se tivessem passado de modo diferente se acaso o partido do prof. Freitas do Amaral tivesse feito parte daqueles governos... Voltemos ao problema da abstenção.

No dia seguinte às eleições, quando os resultados obtidos pela FEPU (vulgo PCP), começaram a impressionar algumas pessoas, muitos abstencionistas me confessaram estar arrependidos de, na véspera, ter ficado em casa, de pantufas.

É lamentável que este povo, capaz de se erguer, indómito, como o fez no 25 de Novembro e arriscar a vida para expulsar outra ditadura que pretendia subjugar-lo novamente, se tenha convencido de que o perigo já passou e que a sua participação activa na vida do País já não é necessária.

Perigoso engano. É imperativo acabar com o «partido da pantufa». De outro modo, corremos o risco de ficar sem sapatos ou, pior ainda, de acabar tudo à «pantufada».

## Quanto lhe rende uma gaveta? ou uma arca? ou uma caixa de sapatos?

## Quanto lhe rende o seu dinheiro no Banco de Fomento Nacional?

O máximo,  
ou seja 10,5% ao ano.  
E é dinheiro vivo!



o dinheiro em casa  
é dinheiro morto

O seu dinheiro, em casa, não rende nada. Não se valoriza. E pode sempre haver a hipótese de «acontecer» um incêndio ou de cair em mãos alheias...

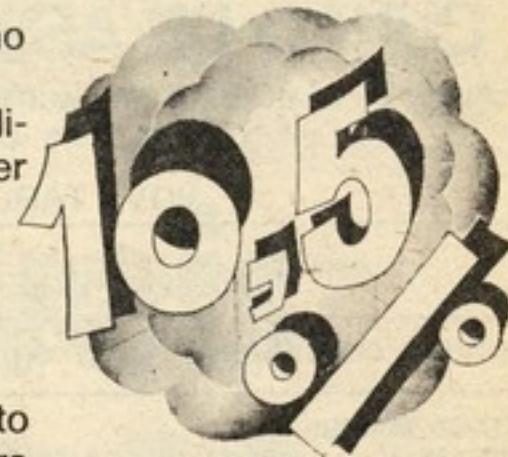


no Banco de Fomento Nacional o seu dinheiro rende o juro máximo do mercado  
Ou seja, 10,5% ao ano.  
E pode movimentar

sempre os juros como entender. Retirá-los ou capitalizá-los para defender o futuro.

coloque as suas economias ao serviço da economia

No Banco de Fomento Nacional o seu dinheiro transforma-se em matéria viva que vai dinamizar o progresso económico nacional. Ganha você, ganha o País, ganhamos todos!



Efectue o seu depósito a prazo em qualquer das nossas delegações em todo o país.

**Banco de Fomento Nacional**



Nada!  
E os riscos são muitos...

Para a economia de todos, as economias de cada um!

Sede: Lisboa - Rua Mouzinho da Silveira, 26.  
Delegações: Aveiro - Beja - Braga - Bragança - Castelo Branco - Coimbra - Évora - Faro - Funchal - Guarda - Leiria - Ponta Delgada - Portalegre - Porto - Santarém - Setúbal - Viana do Castelo - Vila Real - Viseu